

ENSINO DA TRANSFILOSOFIA SENTIPENSANTE
ENSEÑANZA DE LA TRANSFILOSOFÍA SENTIPENSANTE
TEACHING OF THE SENTITING TRANSPHILOSOPHY



Milagros Elena RODRÍGUEZ¹
e-mail: melenamate@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

RODRÍGUEZ, M. E. Ensino da transfilosofia sentipensante. **Rev. Hipótese**, Bauru, v. 9, n. 00, e023009, 2023. e-ISSN: 2446-7154. DOI: <https://doi.org/10.58980/eiaerh.v9i00.434>



| **Submetido em:** 19/07/2023
| **Revisões requeridas em:** 16/08/2023
| **Aprovado em:** 25/10/2023
| **Publicado em:** 30/12/2023

Editor: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹Universidade do Oriente (UDO), Avenida Universidad, Cumaná – Sucre – Venezuela. Docente Pesquisadora Titular.

Rev. **Hipótese**, Bauru, v. 9, n. 00, e023009, 2023.
DOI: <https://doi.org/10.58980/eiaerh.v9i00.434>

e-ISSN: 2446-7154

1

RESUMO: Com um exercício transmetódico decolonial planetário – complexo de hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica, cumprimos o complexo objetivo da investigação de analisar o ensino da transfilosofia senciente (sentipensante). Ao mesmo tempo, apresentamos epistemes disso. Certamente no tradicionalismo as técnicas e didáticas modernistas deveriam ensinar filosofia; mas aqui descolonizamos precisamente essa realidade. Assim, no momento propositivo do transmétodo, temos que o ensino da transfilosofia sentipensante com saberes ancestrais é profundamente resguardador da terra e ensina que somos natureza. Descolonizamos o ensino da filosofia e com ele a própria filosofia, despojamo-lo do seu objeto de poder, do determinismo que o afogou no ensino; quem o condenou a perecer; e não é por acaso que, diante da crueldade, o que se chama filosofar se interessa menos.

PALAVRAS-CHAVE: Transfilosofia. Sentimento. Ensino. Decolonialidade Planetária. Complexo.

RESUMEN: Con un ejercicio transmetódico decolonial planetario - complejo desde la hermenéutica comprensiva, ecosófica y diatópica hemos cumplido con objetivo complejo de la indagación de analizar la enseñanza de la transfilosofia sentipensante. Al mismo tiempo que hemos presentado epistemes de ésta. Seguramente en la tradicionalidad se esperaría técnicas y didácticas modernistas para enseñar la filosofía; pero acá hemos decolonizado esa realidad justamente. Así en el momento propositivo del transmétodo tenemos que la enseñanza de la transfilosofia sentipensante con los saberes ancestrales es profundamente salvaguardadora de la tierra y enseña que somos naturaleza. Decolonizamos la enseñanza de la filosofía y con ello a la propia filosofía, la despojamos de su objeto de poder, del determinismo que la ha ahogado en la enseñanza; que al ha condenado a perecer; y no es casualidad que, ante la crueldad, interese menos eso que se llama filosofar.

PALABRAS CLAVE: Transfilosofia. Sentipensante. Enseñanza. Decolonialidad Planetaria. Compleja.

ABSTRACT: With a planetary decolonial transmethodical exercise - complex from comprehensive, ecosophical, and diatopic hermeneutics, we have fulfilled the complex objective of the inquiry to analyze the teaching of sentipensante transphilosophy. At the same time, we have presented epistemes of this. Surely, in traditionalism, modernist techniques and didactics would be expected to teach philosophy, but here, we have decolonized that reality precisely. Thus, in the propositional moment of the transmethod, we have that the teaching of sentipensante transphilosophy with ancestral knowledge profoundly safeguards the earth and teaches that we are nature. We decolonize the teaching of philosophy and with it philosophy itself; we strip it of its object of power, of the determinism that has drowned it in teaching, who has condemned him to perish, and it is no coincidence that in the face of cruelty, what is called philosophizing is less interested.

KEYWORDS: Transphilosophy. Feeling. Teaching. Planetary Decoloniality. Complex.

Esse além (*trans*) indica o ponto de partida da exterioridade da modernidade, daquilo que a modernidade excluiu, negou, ignorou como insignificante, sem sentido, bárbaro, não cultural, alteridade opaca porque desconhecida, avaliada como selvagem, incivilizada, subdesenvolvida, inferior, mero despotismo oriental, modo de produção asiático etc. Vários nomes dados ao não-humano, ao irrecuperável, àquela sem história, àquela que se extinguirá diante do avanço avassalador da "civilização" ocidental globalizante (DUSSEL, 2004, p. 222, tradução nossa).

É preciso retomar a necessidade de rever a pesquisa filosófica por meio de outras perspectivas, capazes de superar o status moderno, bem como assumir a tarefa de formar novos quadros epistemológicos, promovendo a valorização do conhecimento alternativo (ALVARADO, 2017, p. 49, tradução nossa).

A sabedoria da própria Terra, do nosso habitat, da nossa morada, que nos é revelada quando estamos abertos a compreendê-la, a nos render ao feitiço do que ela nos está revelando. É a sabedoria da Terra, não a experiência humana (PANIKKAR, 2008, p. 1, tradução nossa).

A transfilosofia sentipensante preenche suas bases complexas com diatopia, pois a ajuda a lutar contra a separabilidade imposta como superioridade no conhecimento científico e no conhecimento ancestral não legalizado; não apenas em seu sentido político, mas nas lutas por justiça epistêmica (RODRÍGUEZ, 2022a, p. 99, tradução nossa).

Rizoma inicial. Necessidades Urgentes no Ensino da Filosofia Investigativa-Provocativa

As epígrafes da investigação apresentam exemplarmente a intencionalidade do pesquisador e o vislumbre das lutas pela libertação da filosofia no ensino. No que segue, o prefixo *trans*, que significa além, é denotado pelo grande filósofo transmoderno, o mestre Enrique Dussel, portanto, transfilosofia, além da filosofia colonizada, fazendo um paralelo com a epígrafe deste pesquisador, significa circunscrever o que a modernidade excluiu da filosofia, negada, ignorada como insignificante, sem sentido, ignorada da vida cotidiana, dos diminuídos, da filosofia latino-americana; mas também da filosofia antiga; interpenetrar a filosofia descolonizada com o “pensamento sentimental” (sentipensar). Uma categoria maravilhosa que será definida mais adiante.

Nas deficiências da filosofia tradicionalista e colonizada, é urgente, como diz o cristão Raimon Panikkar na epígrafe com sua ecosofia, que é urgente filosofar com a sabedoria da própria Terra. Nisso, com o saber ancestral, há uma dívida colonial que deve ser evidenciada mais uma vez e salvaguardada. Por que não numa transfilosofia libertadora? Por isso, José Alvarado explica muito bem em sua obra: *A pesquisa filosófica numa perspectiva decolonial*, da qual sua epígrafe dá conta, é preciso retomar à necessidade de rever “a pesquisa filosófica por meio de outras perspectivas, capazes de superar o status moderno, bem como assumir a tarefa de formar novos quadros epistemológicos que promovam o valor do conhecimento alternativo” (ALVARADO, 2017, p. 49, tradução nossa).

Com base em tudo isso, nas necessidades de um ensino descolonizado da filosofia e, naturalmente, da descolonização dela como posição lendária da humanidade, nasce a *transfilosofia sentipensante*, uma obra que recupera bases decolonial-planetárias da filosofia ou uma ecosofia-diatopia, pois o ajuda a “lutar contra a separabilidade imposta como superioridade no conhecimento científico e no conhecimento ancestral que não foi legalizado; não apenas em seu sentido político, mas as lutas por justiça epistêmica”(RODRÍGUEZ, 2022a, p. 99, tradução nossa).

Se há uma crise no ensino de filosofia; A colonização epistêmica global atingiu todas as áreas do conhecimento. A díade terra-pátria deve ser reconhecida, assim como na educação planetária, o eros, que na filosofia foi esquecido, condição indispensável de todo ensino para alcançar a re-civilização e assunção dessa díade, trata-se do desejo e prazer de transmitir, do amor pelo conhecimento e pelos alunos; O *Eros domina o autoritarismo em troca da alegria associada ao dom de ensinar* (MORÍN; CIURANA; MOTTA; 2002).

A filosofia antiga é uma excelência em responder às perguntas iniciais da filosofia, ou pelo menos filosofar sobre ela, com um senso de solidariedade, responsabilidade e esperança: O que é o homem? Quais são Seus propósitos na Terra? É imperativo e urgente voltar a ela, portanto, buscar uma reconexão entre educação e humanidade. E não estamos falando de humanismo. Educar pressupõe, em primeiro lugar, sempre em primeiro lugar, o ensino da condição humana. É necessário “reconhecer-se mutuamente na sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano” (MORÍN, 2000. p. 47, tradução nossa).

O Sentipensar é expedito como categoria a ser reconectada com a filosofia descolonizada, que delinaremos. Reivindicamos o sentimento do ser humano, suas subjetividades, e o tornamos mais complexo na filosofia. O colombiano Orlando Fals Borda usa o pensamento sentipensante para declarar que a razão, a filosofia e a ciência não são propriedades exclusivas para construir a Terra-pátria, mas que a emoção e os sentidos têm uma imersão total nela, além do fato de que os três não são divorciados. Uma sociologia sentipensante é urgente (RODRÍGUEZ, 2022a). Usa o sentimento (ou sentipensar) para resistir às influências eurocêtricas da atividade científica, contra a ineficiência pragmática de nossa ciência acadêmica no Ocidente e contra o esbanjamento da sabedoria popular (FALS BORDA, 1987).

Sentipensamos a filosofia à luz da libertação, com o libertador, o salvador da humanidade. Deus feito homem: Jesus Cristo é o ser humano mais importante da história

quando nos diz: *E ninguém derrama vinho novo em odres velhos, pois então os odres são estourados, o vinho é derramado e os odres são perdidos, mas o vinho novo é derramado em odres novos, e ambos são preservados*. Sentipensamos com nossos filósofos latino-americanos, como o venezuelano Andrés Bello, com seu lema atual: *a Universidade, senhores, não seria digna de ocupar um lugar em nossas instituições sociais, se o cultivo das ciências e das letras pudesse ser considerado perigoso do ponto de vista moral, ou do ponto de vista político*. Nos leva a pensar no herdeiro grego de Sócrates, mestre de Aristóteles, Platão, quando disse: *A filosofia é um diálogo silencioso da alma consigo mesma sobre o ser*. Mas também, com o filósofo latino-americano, defensor essencial da libertação com a transmodernidade, Enrique Dussel, quando afirma que: *Esta é uma ética da vida, ou seja, a vida humana é o conteúdo da ética*. Sem esquecer o filósofo matemático cristão Gottfried Wilhelm Leibniz, que nos lembra: *Amar é encontrar a própria felicidade na felicidade do outro*.

Sentipensamos que, com tantas contribuições para a humanidade, o filósofo do Senegal, Felwine Sarr, nos disse: *Da África, estamos assumindo a responsabilidade de repensar o mundo, incluindo diferentes latitudes*. Frantz Fanon, decolonial essencial para a compreensão dos movimentos de libertação, nos diz que: *Todo espectador é um covarde ou um traidor*. Falamos da dor dos mornos da história da colonialidade, inclusive nos próprios países colonizados. Em um ensino de filosofia descolonizada, no pensamento complexo, sentimos que pensamos no planeta. Nesse sentido, como *objetivo complexo da investigação*, analisou-se o ensino da transfilosofia sentipensante. E, no que se segue, diremos como faremos isso explicitando a transmetodologia da investigação. *Situada nas linhas de pesquisa da autora: Educação Planetária Decolonial - transepistemologias complexas; Transmetodologias complexas e transmétodos decoloniais complexos planetários; Decolonialidade-complexidade planetária na re-ligação*.

Rizoma transmetodológico. Hermenêutica compreensiva, hermenêutica ecosófica e diatópica: o transmétodo

Escrevo em rizomas para aproveitar sua complexidade e ruptura e incluir o execrado que agora desvela e salvaguarda a decolonialidade planetária – a complexidade. E, de uma vez por todas, queremos mostrar com a decolonialidade planetária o distanciamento de falsos exercícios que se dizem decoloniais e são montados em projetos de gigantes do projeto decolonial, sempre nos desassociando com eles das *Taras como sátiras na interpretação da decolonialidade* (RODRÍGUEZ, 2022b) que enxameiam como instrumentos de evasão. No

projeto decolonial, vamos nos vincular a exercícios libertadores em constante insurreição e fiscalização do novo Artefatos Coloniais (RODRÍGUEZ, 2022b).

No que diz respeito à decolonialidade planetária como reconstrutiva na investigação, juntamente com sua forma apódica de preparar o terreno para o exercício da complexidade no ensino da filosofia, queremos esclarecer, o autor em primeira pessoa salvaguardado como seres humanos sofrendores na investigação, juntamente com Walter Dignolo, que esse pensamento decolonial, que subverte a modernidade-pós-modernidade-colonialidade, “Não é mais esquerda, mas outra coisa: é o distanciamento da episteme política moderna, articulada como direita, centro e esquerda; é abertura para outra coisa, em movimento, buscando a si mesmo na diferença” (MIGNOLO, 2008, p. 255, tradução nossa).

Então, voltando à concepção do rizoma, trata-se de um “mapa proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari: princípios de conexão e heterogeneidade, multiplicidade, ruptura asignificante, cartografia e traçado” (GARNICA, 2019, p. 129, tradução nossa). Um rizoma é composto de platôs. O que são platôs? Designa "uma região contínua de intensidades, que vibra sobre si mesma, e que se desenvolve evitando qualquer orientação para um clímax ou para um fim externo" (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 26, tradução nossa). Por isso, no discurso passamos por uma rede e não temos uma estrutura cêntrica, com isso não há preeminência, na qual podemos continuar a abrir, rompendo para dar inclusões ao que não é tratado no sujeito, ao que é colonizado no ensino de filosofia e, portanto, da própria filosofia em sua concepção.

É uma indagação sobre o complexo transparadigma, a complexidade como visão investigativa e abre pontes de conexões entre o filósofo das civilizações encobertas e a filosofia tradicional descolonizada, e que no ensino pode ser visibilizada em igual grau de importância. Não “busca unificar tudo o que está separado em um pensamento de completude, mas lançar um desafio em busca da religação e da complexidade (...) O pensamento complexo envolve a integração do acima em um princípio relacional e rotativo contínuo” (MORÍN, 1992, p. 10, tradução nossa).

O que são transmétodos? Vamos além dos métodos reducionistas, não os desmistificamos, os desconstruímos, nos desvinculamos de sua imposição e regularização do sujeito da pesquisa, objetivando-o como objeto. "Os transmétodos ajudam a salvar o sentipensar, a des-elitizar, a religar, a desvincular as disciplinas, a conjuntar-las, a indisciplinar as disciplinas" (RODRÍGUEZ, 2022c, p. 9, tradução nossa).

Na homenagem intitulada: *Milagros Elena Rodríguez Matemático com alma complexa e sentimento decolonial planetário*, na Revista Entretextos da Universidade de La Guajira, Ivan

Fortunato, em seu artigo intitulado: lições transmétodos: o que se pode aprender com Milagros Elena Rodríguez, fala que "a segunda lição é justamente a dos rizomas como forma de produzir conhecimento decolonial, superando o tradicionalismo acadêmico" (FORTUNATO, 2022, p. 48, tradução nossa). Então, os rizomas são usados na *decolonialidade planetária, esse apódico da transcomplexidade, isso é complexidade e transdisciplinaridade* (RODRÍGUEZ, 2021a) e em investigações transmetódicas como esta.

Quanto ao transmétodo particular a ser utilizado, é a hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica (RODRÍGUEZ, 2020) que fornece categorias como ecosofia e diatopia em uma introspecção para além dos métodos tradicionais, em que a ecosofia "é aquela sabedoria (...) uma dimensão constitutiva e definitiva da realidade" (PANIKKAR, 2005, p. 202, tradução nossa); e que em desenvolvimentos profundos de descolonização se desenvolve a complexidade da filosofia no ensino e a salvaguarda com eles do execrado. É justamente diante da necessidade de assumir a colonialidade da filosofia, o que Santiago Castro-Gómez chama de *ponto zero epistêmico assumido pela filosofia moderna*.

A hermenêutica diatópica, parte da hermenêutica compreensiva, neste caso é exigida na interpretação, quando a distância a ser superada, necessária em qualquer entendimento, é "a distância entre duas (ou mais) culturas, que desenvolveram independentemente, e em espaços diferentes (*topoi*), seus próprios métodos de filosofar e seus modos de alcançar a inteligibilidade" (PANIKKAR, 1990, p. 87, tradução nossa). Os *topoi* impuseram separações do pensamento ocidental e do Norte que aproximaremos com a diatopia como: filosofia-cotidiano, filosofia-conhecimento ancestral, razão-espírito; filosofia antiga - filosofia descolonizada; entre outros.

Na investigação, percorremos os momentos analítico-empíricos e proposicionais da hermenêutica compreensiva, contribuindo com a diatopia e a ecosofia na análise de um caráter inédito pelo transmétodo, nos momentos analítico-empíricos que já iniciamos no rizoma anterior. Examinamos autores originais a partir de categorias como: ecosofia, diatopia, sentipensar, ser humano, dialética, complexidade, dialógica, filosofia, entre outros. Para desembaraçar ideias, pontos fortes e compará-los com o empírico do autor, que, com o transmétodo, recupera sua subjetividade e sentimento na pesquisa e os compara com esses autores.

Ao final, nos momentos propositivos, nos desvinculamos dos autores e vamos apenas com a hermenêuse das autoras, nos dois últimos rizomas da investigação. Continuamos com os momentos analítico-empíricos, nos quais aprofundamos a crise do ensino de filosofia.

Rizoma analítico-empírico. Crises no Ensino de Filosofia Levando à Transfilosofia Sentipensante

No que segue, no quadro do momento analítico-empírico, explicarei brevemente a generalidade da colonialidade, para depois esclarecer como ela influenciou o ensino da filosofia de modo geral. A colonialidade imposta após a colonização, iniciada neste lado do planeta em 1492, é um padrão de dominação, superioridade e civilização que segrega e impõe o que é legalizado pelo Ocidente e pelo Norte, mas é também “uma estrutura de organização e gestão das populações e dos recursos da terra, do mar e do céu” (MIGNOLO; GÓMEZ, 2012, p. 8, tradução nossa). E a colonialidade se manifestou e continua a se manifestar em nível global em todo o espectro ou áreas da vida, por exemplo, na colonialidade do ser chamada ontológica, *a colonialidade do ser é a subvalorização da vida humana no sul global* (MUJICA; FAVELO, 2019). O sul global é composto por todas as regiões ignoradas, invadidas e colonizadas do planeta. Nele encontramos pessoas, conhecimentos, visões de mundo e, com isso, a depreciação do ser como não reconhecido com valor por aqueles que acreditam legalizar a vida. “A colonialidade do ser é um termo que designa a condenação dos habitantes do sul global a viverem sob o peso de uma culpa ou de uma dívida que implica a impossibilidade de existir autenticamente devido à sujeição alienante a que estão submetidos” (MUJICA; FAVELO, 2019, p. 3, tradução nossa).

Se para ensinar filosofia devemos ensinar a partir da “liberdade de julgar, questionar, discernir, problematizar, conceituar e argumentar sobre os graves problemas que afetam nosso planeta em geral e nosso meio ambiente em particular” (VARGAS, 2012, p. 67, tradução nossa), mas nossos pensamentos estão colonizados; se o nosso ser está imbricado numa forma tácita e rotativa de aprender repetindo o que é legalizado no Ocidente e no Norte, então pensar, questionar e chegar a pensamentos metacognitivos profundos será impossível, muito difícil, a partir desse pensamento ignorado.

Além disso, o ser humano perdeu a solidariedade, a ética e a dor por seus semelhantes. Assim, o amor à sabedoria, à filosofia, ao amor à vida e ao sentido da vida foi relegado a uma intencionalidade insignificante. Ainda mais quando o estudo se restringiu no ensino a competências desumanas que cedem a denegrir o eu e agradar o sistema colonial. Nota-se que o ensino da filosofia, e ele em si mesmo, tem essências políticas: “o reconhecimento e a superação do seu oposto: a ignorância, a anulação do outro, o seu silêncio” (VARGAS, 2011, p. 48, tradução nossa). Dessa forma, o ensino liberado e decolonial da filosofia ajuda a libertar o pensamento e o projeto decolonial planetário.

A colonialidade do conhecimento, denominada epistemológica, tem ditado como criar um conhecimento supostamente válido, como ele é regularizado, imposto como verdade e os métodos que estão disponíveis de acordo com o legalizado de como construir o conhecimento em que o reducionismo, execrando a complexidade do ser humano, a suposta objetividade do pesquisador dá o tom. É claro que as visões de mundo e os saberes em geral produzidos pelos colonizados do planeta são chamados de outros saberes e entram no jogo da legalidade ou não. Será sempre um conhecimento menor. Nelson Maldonado faz uma turnê inteira chamada: *Sobre a Colonialidade do Ser: Contribuições para o Desenvolvimento de um Conceito* (MALDONADO, 2007). Nessa obra, ele explica que a colonialidade do conhecimento “tem a ver com o papel da epistemologia e das tarefas gerais de produção de conhecimento na reprodução dos regimes coloniais de pensamento” (MALDONADO, 2007, p. 130, tradução nossa).

O conhecimento que prevalece na sala de aula de filosofia é desprovido da filosofia antiga de Heráclito, por exemplo, e de toda a complexa corrente da filosofia, em que o fogo, elemento essencial na filosofia herecliana, é certamente a *physis*, buscando sempre a razão cósmica que é para o Escuro da história o *logos*. É cheio de uma complexidade especial que Edgar Morín herda mais tarde, em suas próprias palavras, que ele “retorna incessantemente às contradições-mãe de Heráclito: a união da união e da desunião, do acordo e da discórdia, a vida viva da morte, a morte da vida” (MORÍN, 1995, p. 71, tradução nossa).

Assim, "o pensamento de Heráclito caracteriza-se por se constituir em opostos, ser e não ser, o oposto ou complementar; princípios que emergem como na transdisciplinaridade mais tarde na história" (RODRÍGUEZ, 2022d, p. 89, tradução nossa), com seus axiomas declarados em *Heráclito de Éfeso na complexidade moriniana: uma filosofia que despertava sentimentos* (RODRÍGUEZ, 2022d), razão pela qual a perda desse tipo de filosofia no ensino atual perde o interesse em conhecer a complexidade do ser humano: corpo-mente-alma-espírito-natureza, levando-se em conta

Quando falamos de Deus e da complexidade da fé e das crenças no discurso com sabedoria, ou seja, ecosofia, estamos sendo complexos e englobando não só o ambiental, mas também o social e o espiritual que não está separado; uma arte de habitar o planeta que busca sabedoria na formação de professores, (...) a composição do que é o ser humano: corpo-mente-alma-espírito-natureza (RODRÍGUEZ, 2022d, tradução nossa).

Desse modo, no ensino da filosofia colonial, não se recorre à complexidade do ser humano, mas ditar uma filosofia acabada fora do sentimento e das visões de mundo das

civilizações ignoradas. Fora da teologia e das ciências, emite-se uma filosofia reducionista do próprio ser humano, assim, as perguntas essenciais do amor à sabedoria: Quem é o homem? Isso se perdeu nas competências desumanas da filosofia. Pensar no logos, e nesse devir dos opostos de Heráclito, seria ir à “crise dos fundamentos e diante do desafio da complexidade do real, todo conhecimento hoje precisa ser refletido, reconhecido, situado, problematizado” (MORÍN, 1994, p. 56, tradução nossa).

Enquanto *a colonialidade do poder, também chamada de política*, Aníbal Quijano explica que, com a América Latina, o capitalismo se torna global, eurocêntrico e a colonialidade e a modernidade se situam, até hoje, como eixos constitutivos desse padrão concreto de poder (QUIJANO, 2014).

O poder é um espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função e em torno da disputa pelo controle das seguintes esferas da existência social: 1) o trabalho e seus produtos; 2) dependendo da primeira, "natureza" e seus recursos produtivos; (3) sexo, seus produtos e reprodução da espécie; 4) subjetividade e seus produtos materiais e intersubjetivos, incluindo o conhecimento; (5) a autoridade e seus instrumentos, em especial de coerção, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular suas mudanças (QUIJANO, 2014, p. 289, tradução nossa).

E a filosofia também exerce a colonialidade do poder em sala de aula, esse poder que dita o valor da filosofia e as diferentes formas de dependência diante de conflitos que são significativos para discutir e filosofar, e aqueles que, de acordo com a colonialidade do poder, ditam que eles não são importantes. Isso posto, não é estranho revelar que “o subordinado não pode falar” (SPIVAK, 2003, p. 362, tradução nossa). E o minimizado não é ouvido, embora não seja estranho que estudiosos da decolonialidade nos digam que “a universidade/educação deveria dialogar e dialogar com aqueles saberes que foram excluídos do mapa moderno das epistemes por serem considerados “míticos”, “orgânicos”, “supersticiosos” e “pré-rationais”. Conhecimento que estava ligado àquelas populações da Ásia, África e América Latina que, entre os séculos XVI e XIX, foram submetidas ao domínio colonial europeu” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 90, tradução nossa).

Mas como tem sido o currículo para a formação e o ensino da filosofia? Colonial. “O currículo de filosofia da universidade está ligado a injustiças epistêmicas” (COLLADO-RUANO; BUSTAMANTE; MORENO, 2022, p. 16, tradução nossa). Assim, vemos que o ensino da filosofia está carregado da colonialidade e de todas as suas manifestações, por isso, promovemos a educação decolonial da filosofia que “é subversiva e antissistêmica, tendo uma

abertura constante à interpretação crítica da história, o que a torna em constante diálogo de conhecimento e profundamente interessada na ação política” (ALVARADO, 2016, p. 112, tradução nossa). A díade deve voltar: filosofia-complexidade-ciências-teologia envolta numa condição apódica como a decolonialidade planetária. Temos pesquisado isso, por exemplo, na *transfilosofia sentipensante da Educação Matemática Decolonial Transcomplexa* (RODRÍGUEZ, 2022e).

E assim, em nossa proposta de transfilosofia sentipensante, “o coração reintegra a dimensão da totalidade de nossa humanidade, mostrando que somos a conjunção entre afetividade e inteligência” (GUERRERO, 2011, p. 29, tradução nossa). Nesse filosofar, vamos a um ser humano melhor, cheio de amor e empoderado com a compreensão dos problemas planetários. “Volta a buscar a complexidade do ser humano para dignificá-lo e poder tornar mais complexas suas ações e seu modo de conhecer” (RODRÍGUEZ, 2022a, p. 44, tradução nossa).

E como a decolonialidade planetária é apódica da complexidade dos resultados das referidas linhas de pesquisa, com a decolonialidade podemos pensar em uma transdisciplinaridade decolonial. Propõe-se que “ela se desenvolva a partir de um contato permanente com os saberes das diversas áreas do conhecimento, relacionando-as, reafirmando seus problemas e suas questões, enfim, pensar o significado do conhecimento a partir de sua relação com as ciências e as artes” (PAREDES; RESTREPO, 2013, p. 38, tradução nossa).

É imperativo compreender que “o cosmos não pode ser compreendido sem sua relação com a dimensão divina e humana da realidade” (SEPÚLVEDA, 2018, p. 264, tradução nossa). Observe a excelência da categoria que, sem dúvida, penetra e explicita o conhecimento ancestral de uma filosofia da terra que é compreendida na transfilosofia sensível. Para tanto, na formação transdisciplinar de filósofos e educadores filosóficos nas universidades, temos que considerar, em geral, o que significa “descolonizar a universidade/educação, lutando contra a babelização e departamentalização do conhecimento” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 89, tradução nossa). A filosofia sente pensar em todos os conhecimentos e disciplinas, buscando seu valor e razão de existir, dando-lhes sentido e pertinência.

O pensar do sentir na transfilosofia retoma “o cuidado do ser, a partir de uma forma mais coerente de fazer o pensamento e o sentir. Ao alinhar pensamentos, emoções, sentimentos e ações com algo mais alto do que nós mesmos, a vida se tornará mais rica, mais cheia de significado e significado” (MORAES; TORRE, 2022, p. 53, tradução nossa). Portanto, ir além do ensino tradicional de filosofia, o modernista-pós-modernista-colonial, para pensar na

inclusão de formas filosóficas de ver o planeta, sentindo com o amor pela vida, o valor de existir à luz do cuidado com a terra é almejado em espaços onde todos possamos nos entender. Por isso, o ensino de filosofia "deve favorecer, não apenas conhecimentos e habilidades críticas e argumentativas, mas também atitudes em relação à existência histórica, social e cultural" (FIGUEROA, 2021, p. 257, tradução nossa).

O pensamento sentipensante imprime valor à transfilosofia sentipensante na medida em que toda forma de pensar o conhecimento-conhecimento "está intimamente articulada com a existência do homem e contribui para os campos práticos da filosofia" (FIGUEROA, 2021, p. 257, tradução nossa). Consequentemente, pensar a vida, respeitar sua natureza, aceitar diferentes visões de mundo deve ser ensinado. Com isso, a consciência crítica, mas também a auto ética, que nos induz à nossa responsabilidade para com o planeta, rever e estar imerso em questões globais, "o ser humano é capaz de transformá-lo por meio da prática, da participação e da proposição de novos espaços de reflexão" (CORREA, 2012, p. 74, tradução nossa).

Transfilosofar, sentipensando e ensinar neles é a conformação de "um ser dotado da capacidade ilimitada de amar e transformar a partir de dentro, ao mesmo tempo em que age sobre a realidade externa que projeta e apreende de sua interioridade" (GUZMÁN; REYGADAS, 2015, p. 20, tradução nossa). Nesse sentido de provocar o melhor de nós em um ensino de transfilosofia sentipensante para a resistência e libertação do ser humano, continuamos nas linhas de pesquisa onde se situa a investigação: Educação Decolonial Planetária – transepistemologias complexas; Transmetodologias complexas e transmétodos decoloniais complexos planetários; Decolonialidade-complexidade planetária na religação.

Nesse sentido, a hermenêuse do autor está agora em cena nos momentos propositivos despídos da consulta aos autores.

Rizoma proposicional. A Transfilosofia sentipensante e seu ensino

Vamos dar alguns exercícios que vêm das rupturas asinificantes dos rizomas que estamos construindo, que diz que no nível planetário as necessidades são emergentes para uma forma de transfilosofar sentipensando, uma vez que *a díade sensato-espiritualidade caminha junto no ensino da transfilosofia sentipensante*, que diz que a expressividade reducionista do ser humano em seu pensamento filosófico expirou. A razão, como nos filósofos antigos, está alojada não apenas na mente, mas na alma e no espírito. Que eles não estão separados, assim, o sentimento dá um sentido de existencialidade na complexa filosofar. Para isso, mentes

descolonizadas fazem cenas de possíveis redes; o que não podia ser pensado nas mentes coloniais.

A visão de mundo da hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica dá preeminências de sentido, de sabedoria na medida em que filosofar é o amor da sabedoria, que eros, que está circunscrito à complexidade do ser humano. Assim, filosofia-teologia, Deus-filosofia, filosofia-ciências, ciências-Deus, ser humano-Deus. São diatópias que se tecem em filosofar como modo de viver, existindo em meio à crueldade do mundo, em meio a guerras, de morte pela fome. Mas não apenas no meio, sem que ali se engaje na luta pelo respeito ao bem viver, vivendo com respeito por todas as manifestações da natureza da criação.

Assim, o ensino da filosofia não é alienar-se do planeta, conformar-se pela crueldade, é uma luta e ao mesmo tempo, fora do conformismo, aprender a conviver com a diversidade de visões de mundo, que sem preeminência ganham experiências com suas civilizações, filosofar para viver feliz e viver filosofando em meio à dor para transformar as realidades que nos dominam. Desse modo, a poética da dor não é individual, mas coletiva, é doloroso e o que pertence aos outros é nosso, torna-se pessoal e é feito coletivamente.

Para isso, é necessário resgatar o sentimento como parte do viver, viver realidades, com um pé nelas e outro nas transformações a que nós, como existencialistas, temos direito, aquele direito que não é declarado em uma organização como politicagem do dia, mas que acolha com amor o aluno que quer saber que sua dor dói naquele espaço que ele chama de universidade, escola. Em geral, àquela sala de aula mente-social-espírita que transcende o espaço físico em que, a partir de suas subjetividades, vive, filosofa, buscando respostas como modos de existência.

Note-se que o sentimento da autora da indagação se torna uma régia em sua hermenêuse de pensar *a utopia de filosofar como utopia da existência, e que* temos direito a isso em um ensino para além dos mecanismos impostos de teorias de aprendizagem e tendências filosóficas, que são essenciais, mas que ganham sentido em cada vida tocada, em que o realismo, o idealismo, o existencialismo, entre outros, são uma grande comunidade de vida que se chama experimentalismo. Sim, aquele que tiramos muitas vezes colocando o outro. Se aquele que chamamos de outro para dizer pessoa menor, aquele que vemos como incapaz de filosofar porque suas comunidades pertencem ao cinturão da miséria que consideramos incapaz, sendo o centro de resistência menos não contaminado, que ironia, que erro.

Se não formos capazes de olhar para nós mesmos dentro da crueldade humana mais sofrida, que será sempre humana em uma condição desumana, assim, filosofar e ensinar

filosofia aberta continua sendo um conto macabro de rever os filósofos da história sem ter experimentado seu pensamento. E saímos das assinaturas desumanas do humanismo que filosofou a existencialidade sob o irracional e falso lema: podemos nos salvar, terminando quando o corpo seca, quando não respira, a futilidade de filosofar. Não, queremos transcender uma filosofia do amor, da ética complexa e responsabilidade social pelo amigo, pela comunidade, pelo planeta.

Ao fazê-lo, descolonizamos o ensino da filosofia e, com ele, a própria filosofia, despojamo-la de seu objeto de poder, do determinismo que a afogou no ensino, que o condenou a perecer. E não é por acaso que, diante da crueldade, o que se chama filosofar interessa menos. Por isso, quando falamos em transfilosofar com conhecimento e saber, com as disciplinas, abrimos o palco para que, ensinando a filosofar, entendendo do que se trata, possamos dar sentido a um acúmulo de conhecimento que precisa ser despojado de seu poder. Transfilosofar o Pensamento Sentimental pode ajudar a tornar as transdisciplinas possíveis, ajudando a quebrar o pensamento abismal que as separa.

Quando Arturo Escobar nos fala sobre o sentipensar com a terra, ele nos diz que a transfilosofia sentipensante pensa a vida, e vive da vida e não evoca a morte ou a expiração. Para isso, o ser humano natureza, experimenta-se no verde do mouro multicolorido, como o amarelo do Araguañey, mas também como o branco de algumas árvores que falam da pureza da criação e com ela nos voltamos para o bem, à redenção do ser humano, à entrega de uma terra perfeita à crueldade dos projetos alienantes que muitos deram o melhor de si para evocar a morte.

O Ensino da Transfilosofia Sentipensante evoca a valorização da vida, que o primeiro ensinamento deve ser exercido a partir de todo o ser, e o exemplo vence, aliena a vida e nos convence a ensinar vivendo, de filosofar na sala de aula mente-social-espírita, em todos os lugares e tempos como modo de resistência, se como escudo contra o rumo do projeto de extermínio da vida: o da colonialidade global, em que você aposta? Responder a partir de sua responsabilidade na vida é urgente, sem dívidas que promovam mortes.

Quando falamos em transdisciplinaridade decolonial, se a consciência de Nelson Maldonado, que sabe que nem toda manifestação transdisciplinar é decolonial, é porque aceitamos o sequestro da complexidade e da transdisciplinaridade nas mentes coloniais, então as tentativas de encenar a reforma do pensamento no ensino da filosofia têm sido inúteis. Pegamos um veículo novo e o dirigimos como o velho instrumento dos grandes caminhões, e não entendemos o curso da vida.

Por isso, sob a desvinculação de nos re-ligarmos, recorrendo às Sagradas Escrituras, com Nosso Senhor Jesus Cristo, em que ninguém derrama vinho novo num odre velho, voltamos a dizer que precisamos nos despojar do velho homem e voltar-nos para Deus e para a natureza de sua criação para exemplificar de nossos talentos com a sabedoria do Espírito Santo o respeito pelo tecido da vida. Mentes contaminadas não serão capazes de ensinar sobre transfilosofia sentipensante enquanto quebrarem a essência dela e não entenderem do que se trata.

É urgente convocar filósofos e educadores de filosofia que contribuam para a decolonialidade da filosofia, que vão, com trabalho novo, depositar um vinho novo, onde a vida é pensada com sentido de salvaguarda. Para isso, é preciso deixar morrer os compromissos elitistas de uma filosofia que, como a matemática, foi cortada, colocada nua num altar onde o aluno viu dolorosamente que não era bom e que não o queria em sua vida, porque lhe lembra o que não pode viver. Basta que ele tenha aversão à vida de sua própria casa e seja despojado do essencial para viver. Aberto a conciliar a filosofia com a possibilidade da vida boa possível naquele ser humano oprimido.

Sentipensando o sentipensar; re-civilização e a condição humana são essências da transfilosofia sentipensante e de seu ensino, que é um projeto decolonial planetário que, com a filosofia latino-americana em que Enrique Dussel entra em cena, mas também a africana, e todas as mulheres oprimidas que Eros tenta recuperar para a pátria, a transfilosofia sentipensante do conhecimento ancestral, na Educação Matemática Decolonial Planetária Complexa e tantas outras libertações que o autor atende com humildade, valorizando a natureza da criação do Deus amado.

A transfilosofia sentipensante recupera a primeira pessoa para que possamos compreender essa história da filosofia antiga ao ritmo dos tambores do deleite, do diálogo dialético-dialógico, a transfilosofar em existência pura, a do artesão, a do carpinteiro, a transfilosofia que reconcilia o Ocidente com o Sul, e assim abraça o Norte, a África e a Ásia e redime o ataque à vida. Se a transfilosofia não tem compromissos ou amarras, olhe para a vida como um sol vibrante, e ele não quer desligá-lo, não é propício à sua violação, pois sem vida quem faz filosofia não abre. O que é uma grande responsabilidade? É claro que a complexidade da vida e sua grandeza o merecem.

A decolonialidade como projeto de libertação do ensino reducionista da filosofia é, sem dúvida, planetária, esse sobrenome que indica a inclusão de todas as formas de sentir a filosofia, que não os conhecemos, mas os acolhemos. Desde que a vida seja a prioridade, o planetário

nem sempre é comentado em seu nível de importância, o Ocidente nunca deveria ter desmistificado o Sul, a África, mas agora o Sul não pode ignorar o Ocidente; o Norte não poderá fechar-se na sua própria cidadela de preeminência, num miniplaneta; e a África e a Ásia vibrante são muito mais do que a colonialidade permitiu e legalizou. O planeta é um só, e promovemos, tendo em vista a colonialidade global, um projeto de libertação planetária, em particular o ensino da filosofia.

Assim como transfilosofia significa além da filosofia, reconstruindo as questões originais da filosofia para as necessidades urgentes da terra, o pensamento sentimental combina a complexidade do ser humano: pensar sentir com natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus. Ensinar a complexidade do ser humano, sua condição humana em primeiro lugar, permanecer atento aos defeitos coloniais que nos ocultam do conhecimento anti-humano. Se filosofia inicialmente significa amor à sabedoria, já que Sophia vem do grego *Σοφία* e significa sabedoria, será necessário redefinir: O que é sabedoria, de onde vem? Deus em nós, conosco e por nossa sabedoria além das religiões impostas usadas para desrespeitar a vida.

Ensinar transfilosofia sentipensante, entendida aqui dessa forma, não é a filosofia oprimida, não é ditar, por exemplo, a história da teologia, como preceito onde o aluno frequenta e repete, que não conta para nada fora do ser humano, pelo contrário, ele entende que o ser humano e o que está fora dele é uma única criação: o planeta Terra. Claro, ensinar filosofia na sala de aula mente-social-espírito, naquele espaço intersubjetivo particular de cada aluno que está imerso na poética, na natureza e em toda complexidade, em uma profunda sabedoria ecológica que é social, ambiental, espiritual, aceitando e ressignificando a complexidade do ser humano, de suas contribuições e conhecimentos-saberes, sem que haja preeminência.

Sem dúvida, a transfilosofia sentipensante nascida nos transmétodos complexos planetários decoloniais promove, e voltamos a ela, a complexidade do ser humano, em que Deus como único na trindade: Pai-Filho-Espírito Santo é essencial para nos compreendermos no mundo, nesse terreno fundamental queremos navegar na reforma do pensamento no ensino da filosofia em concepções que nos ajudem a viver uma vida digna, sábia, espiritual, digna com o Deus amado e seu amor por sua criação, como narrado nas Sagradas Escrituras quando alguns dos filósofos epicuristas e estoicos disputaram com Jesus Cristo. E alguns disseram, muitos sem entender: O que significa essa palavra? E outros afirmaram: Ele parece ser um pregador de divindades estranhas, porque lhes pregou Jesus e a ressurreição, e, é claro, recebê-la para ascender a Deus.

O ensino da transfilosofia sentipensante é intercultural, certamente não só isso, liberta o conhecimento ocultado pela modernidade-pós-modernidade-colonialidade, se um braço forte das ciências e, portanto, do conhecimento-conhecimento, é ideal para atravessar o significado de todos eles. Ele retorna às suas perguntas originais, dignificando a sabedoria à luz da complexidade do planeta Terra, da vida nele. Intercultural é inclusivo de culturas e modos de viver, respeitando a vida, não toma preeminência para filosofias de nenhuma cultura e, ao mesmo tempo, ensina todas, pertence a todos eles, não se vangloria do que a história alcançou, aceita seus erros. Por redefinir suas intenções à luz das necessidades atuais, ela se desprende profundamente e se religa às essências da vida.

Concluindo rizoma proposicional. Seguimos sentipensando no ensino da transfilosofia

Com um exercício transmetódico decolonial, planetário-complexo de hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica, cumprimos o complexo objetivo da investigação de analisar o ensino da transfilosofia sentipensante. Ao mesmo tempo, apresentamos epistemes dela. Certamente, na tradicionalidade, esperar-se-ia que as técnicas e a didática modernistas ensinasse filosofia, mas aqui descolonizamos justamente essa realidade.

Pensar a filosofia libertadora em conjunto com a filosofia latino-americana, em igual grau de importância, significa pensá-la no ensino à luz da crise planetária atual. Deve ser libertadora da concepção complexa do ser humano, razão pela qual ensina a condição humana, e como a transfilosofia sentipensante promove a complexidade do ser humano e tenta conhecê-lo sem restrições ou compromissos com algumas formas de conhecer, abre suas lentes para o arquipélago de certezas no mar de incertezas a que o Heráclito pré-socrático, que fomos explicitando, entendida como essência do filosofar. Para transfilosofar o sentimento, o ser humano tem consciência e não navega duas vezes nas mesmas águas. Não é predeterminado ou reduzido, mas vai para o saber com a abertura da mente.

A crise da civilização em uma totalidade que não se desune, a breve educação ambiental, por exemplo, educadora do que não existe é um problema pouco abordado pela filosofia, por isso a transfilosofia sentipensante deve estudar na salvaguarda da vida em uma ecosofia que seja social, ambiental e espiritual e isso deve ser promovido na educação, e não no imaginário do negado: a vida no planeta Terra. Ou seja, no ensino da filosofia, a alienação poética, denegrindo a dor, de que vivemos em um planeta sem problemas deve ser erradicada.

Ensino de Transfilosofia sentipensante nos encoraja a retomar a necessidade de rever a pesquisa filosófica das ciências, das disciplinas por meio de outras perspectivas complexas e

transdisciplinares, capazes de superar o status moderno-pós-moderno-colonial, bem como assumir a tarefa de formar novos quadros transepistemológicos que promovam a valorização do conhecimento da humanidade. É urgente desvendar na educação uma transfilosofia sentipensante que desvenda o alto poder educacional oculto e as contribuições, por exemplo, da matemática do Sul de comunidades invadidas, transculturadas e aculturadas, se desvendarmos e transcendermos a história e a filosofia da matemática à luz do avanço das civilizações. A filosofia deve preocupar-se em contribuir para uma rejeição tão séria da matemática no ensino, uma das causas coloniais é a separação da filosofia.

Pertencimento e resistência à filosofia no ensino, com saberes ancestrais, desvelados e reconhecidos em uma transfilosofia sentipensante, a partir daí, a colaboração expedita para a salvaguarda das civilizações e com elas da Terra como pátria. É essencial como sabedoria cosmológica, a arte de habitar o planeta, um ensino de filosofia ecosófica, *Sabedoria do Oikos*, além da ecologia, em que é ensinado sem proibições ou usos de tipos religiosos como opressivos, mas relacionais, éticos, responsáveis perante o Homem-Deus-Cosmos, rumo a um novo equilíbrio e respeito à vida, um exercício em que o filósofo Raimon Panikkar fez grandes contribuições com a ecosofia, uma espiritualidade da terra, parte da tríade mencionada.

O Ensino da Transfilosofia Sentipensante com o conhecimento ancestral, é profundamente a salvaguarda da terra e ensina que somos a natureza. Isso está de acordo com o fato de que sua bandeira é dar-lhe um senso de originalidade do que é a vida, o significado do ser humano como criação: a salvaguarda da vida é o lema deste ensinamento. Portanto, no espaço intersubjetivo do ser humano, onde a sala de aula mente-social-espírito aprende em todos os lugares e tempos. O místico, ancestral, recua complexamente em sua multiplicidade, hologramas e diálogos nas essências da teoria da complexidade, que podem ser apreciados com a religação de um pensamento planetário decolonial.

O Ensino da Transfilosofia Sentipensante assiste na educação à vida do educando, o ser que se liberta e eleva seu pensamento, religa-se em favor da humanidade e de sua re-civilização. Por isso, a salvaguarda de seus sentimentos é essencial em sua complexa consideração do estabelecimento do ser humano e do conhecimento ancestral que com ele são modos de fazer ciência. O ensino deve aspirar a um conhecimento não hegemônico da filosofia, que, por ser salvaguardado, decolonial, inclusivo, não seja populista ou menos rigoroso em sua capacidade de pensar e pensar o ser humano.

Dedicação e agradecimento: Agradeço a Deus que me conduziu por caminhos esculpidos por Ele, para dizer adeus, e começar sempre em nome de Jesus Cristo. Mostro como

nas Sagradas Escrituras os filósofos se interessaram por sua sabedoria, quando Paulo vai apresentar o carpinteiro de Israel, Nosso Senhor Jesus Cristo: "Então eu estava discutindo na sinagoga com os judeus e os piedosos, e na praça todos os dias com quem compareceu. E alguns filósofos dos epicuristas e dos estoicos disputaram com ele. Alguns disseram: "O que significa essa palavra?" E outros: Ele parece ser um pregador de novos deuses, porque lhes pregou o evangelho de Jesus e a ressurreição. E levaram-no e levaram-no ao Areópago, dizendo: "Podemos saber qual é este novo ensinamento de que falais?" Porque trazeis coisas estranhas aos nossos ouvidos" (HEBREUS 17:17-20, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

- ALVARADO, J. Pensar la educación en clave decolonial. **Revista De Filosofía**, Maracaibo, v. 32, n. 81, p. 103-116, 2016. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/filosofia/article/view/21018>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- ALVARADO, J. Investigación filosófica en perspectiva decolonial. **REDHECS. Revista Electrónica de Humanidades, Educación y Comunicación Social**, Maracaibo, v. 23, p. 49-65, 2017. Disponível em: <http://ojs.urbe.edu/index.php/redhecs/article/view/711>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la Universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. *In: El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- COLLADO-RUANO, J.; BUSTAMANTE, M.; MORENO, J. Filosofía y educación en América Latina. **Cuadernos de Filosofía Latinoamericana**, Bogotá, v. 43, n. 126, p. 1-2616, 2022. DOI: 10.15332/25005375.7598. Disponível em: <https://revistas.usantotomas.edu.co/index.php/cfla/article/view/7598>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- CORREA, L. La enseñanza de la filosofía y sus contribuciones al desarrollo del pensamiento. **Sophia, Colección de Filosofía de la Educación**, Cuenca, n. 12, p. 67-82, 2012. Disponível em: <https://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/8644>. Acesso em: 31 mar. 2023.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia**. Valencia: Pretextos, 1980.
- DUSSEL, E. Sistema-mundo y Transmodernidad. *En: BANERJE, I.; DUBE, S.; MIGNOLO, W. (ed.), Modernidades coloniales*. Editorial El Colegio de México, México, 2004.
- FALS BORDA, O. **Ciencia propia y colonialismo intelectual: Los nuevos rumbos**. Bogotá: Carlos Valencia Editores. 1987.

FIGUEROA, A. Enseñanza de la filosofía en Colombia: examen crítico de los actuales planes y programas de estudio. **Revista Conrado**, Cienfuegos, v. 17, n. 82, p. 249-259, 2021. Disponível em: http://scielo.sld/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1990-86442021000500249. Acesso em: 31 mar. 2023.

FORTUNATO, I. Lecciones de transmétodo: qué se puede aprender de Milagros Elena Rodríguez. **Entretextos**, La Guajira, v. 16, n. 30, p. 46-55, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6409941. Disponível em: <http://revistas.uniguajira.edu.co/rev/index.php/entre/article/view/260>. Acesso em: 31 mar. 2023.

GARNICA, R. Elementos para una escritura y una antropología rizomáticas, **Cuicuilco**, Ciudad de México, v. 26, n. 76, p. 129-151, 2019. Disponível em: <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/cuicuilco/article/view/15464>. Acesso em: 31 mar. 2023.

GUERRERO, P. Corazonar la dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política. **Alteridad**, Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, n. 10, 2011, p. 21-39 DOI: 10.17163/alt.v6n1.2011.02. Disponível em: <https://alteridad.ups.edu.ec/index.php/alteridad/article/view/1.2011.02>. Acesso em: 31 mar. 2023.

GUZMÁN, J.; REYGADAS, P. **Terapia del Campo Punto Cero**. La sanación instantánea al alcance de todos. México: CIET, 2015.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

MALDONADO, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: **El Giro Decolonial**. Reflexiones para una Diversidad Epistémica más allá del Capitalismo Global. Bogotá: IESCO/Pensar/Siglo del Hombre, 2007. p. 127-167.

MIGNOLO, W. La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 243-282, 2008. DOI: 10.25058/issn.2011-2742. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero08/la-opcion-de-colonial-desprendimiento-y-apertura-un-manifiesto-y-un-caso/>. Acesso em: 31 mar. 2023.

MIGNOLO, W.; GÓMEZ, P. **Estéticas Decoloniales**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

MORAES, M.; TORRE, S. Sentipensar bajo la mirada autopoietica o cómo reencantar creativamente la educación. **Creatividad y sociedad**, Madrid, v. 2, p. 45-56, 2002. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UCB-2_2099553828b0227b1b16bd719d6b382d. Acesso em: 31 mar. 2023.

MORÍN, E. **El Método IV**: Las ideas. Su hábitat, su vida, sus costumbres, su organización. Madrid: Ediciones Cátedra, 1992.

MORÍN, E. **El método III**: el conocimiento del conocimiento. Madrid: Cátedra, 1994.

MORÍN, E. **Mis demonios**. Barcelona: Kairós, 1995.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORÍN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R. **Educación en la era planetaria**: el pensamiento complejo como método de aprendizaje en el error y la incertidumbre humana. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002.

MUJICA, J.; FABELO, J. La colonialidad del ser: la infravaloración de la vida humana en el sur-global. **Estudios de filosofía práctica e historia de las ideas**, Mendoza, v. 21, n. 2, p. 1-9, 2019Tags. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7571308>. Acceso em: 31 mar. 2023.

PANIKKAR, R. **Sobre el diálogo intercultural**. Salamanca: Editorial San Esteban, 1990.

PANIKKAR, R. **De la mística**. Experiencia plena de vida. Barcelona: Herder, 2005.

PANIKKAR, R. **Ecosofía**, 2008. Disponible en: <http://cort.as/heA0>. Consultado el: 31 mar. 2023.

PAREDES, D.; RESTREPO, V. Enseñanza de la filosofía en Colombia: hacia un enfoque multisensorial en el campo didáctico. **Nodos y nudos**, Bogotá, v. 4, p. 34, p. 37-48, 2013. DOI: 10.17227/01224328.2282 Disponible em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/NYN/article/view/2282>. Acceso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La hermenéutica comprensiva, ecosófica y diatópica. Un transmétodo rizomático en la transmodernidad. **Perspectivas Metodológicas**, Buenos Aires, n. 19, p. 1-15, 2020. DOI: 10.18294/pm.2020.2829. Disponible em: <http://revistas.unla.edu.ar/epistemologia/article/view/2829>. Acceso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La decolonialidad planetaria como apodíctica de la transcomplejidad. **RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica Do Bié, Bié**, v. 1, n. 1, p. 43-57, 2021a. DOI: 10.5281/zenodo.5511830. Disponible em: <http://recipeb.espbie.ao/ojs/index.php/recipeb/article/view/41>. Acceso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. **Transfilosofía Sentipensante**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2022a.

RODRÍGUEZ, M. E. Taras como sátiras en la interpretación de la decolonialidad. **Revista nustrAmérica**, Santiago, Chile, n. 20, e6907459, p. 1-15, 2022b. DOI: 10.5281/zenodo.6907459. Disponible em: <https://nuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/e6907459>. Acceso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Transepistemologías de los conocimientos-saberes emergentes con los transmétodos de indagación. **Diálogos Sobre Educación**, Guadalajara, n. 25, p. 1-14, 2022c. DOI: 10.32870/dse.v0i25.1136Tags. Disponible em:

<http://dialogossobreeducacion.cucsh.udg.mx/index.php/DSE/article/view/1136>. Acesso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Heráclito De Éfeso en la complejidad Moríniana: una filosofía que despertó sentires. **Problemata Revista Internacional de Filosofía**, Paraíba, v. 13. n. 3, p. 85-96, 2022d. DOI: 10.7443/problemata.v13i3.64006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/64006>. Acesso em: 31 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La transfilosofía sentipensante de la Educación Matemática Decolonial Transcompleja. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, PR, v. 44, e62606, p. 1-13, 2022e. DOI: 10.4025/actascieduc.v44i1.62606. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3033/303371539025/html/>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SEPÚLVEDA PIZARRO, J. Ecosofía: hacia una comprensión de la sabiduría de la tierra desde la noción de ritmo del ser de Raimon Pannikar. **Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones**, Madrid, v. 23, p. 263–278, 2018 DOI:10.5209/ILUR.61030. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6664340>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SPIVAK, G. C. ¿Puede hablar el subalterno? **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, 39, p.297–364, 2003. DOI : 10.22380/2539472X.1244. Disponível em: <https://revistas.icanh.gov.co/index.php/rca/article/view/1244>. Acesso em: 31 mar. 2023.

VARGAS, G. Hacer-se sujeto. Una perspectiva para la enseñanza del filosofar en la educación secundaria. *In*: CÁRDENAS, L.; RESTREPO, C. (ed.). **Didácticas de la filosofía**. v. 1. Colombia: Universidad de Antioquia- San Pablo, 2011. p. 37-55.

VARGAS, G. **¿Filosofía para qué?**: desafíos de la filosofía para el siglo XXI. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2012.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: A todos os seres humanos cristãos de coração e obras.

Financiamento: Sem financiamento, realizado no âmbito consciente da Universidade do Oriente,

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Respeitar a natureza da vida, a pesquisa ética em todos os sentidos.

Disponibilidade de dados e material: Totalmente Aplicável.

Contribuição dos autores: O autor faz toda a pesquisa.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

